

# O caminho do Investimento

A pandemia provocada pela Covid-19 trouxe consigo inúmeros desafios para a população mundial, a começar pela crise sanitária, causando milhões de mortes um pouco por todo o globo e levando os serviços de saúde ao quase ponto de rutura.

Um outro efeito causado por esta pandemia, eventualmente menos notório, mas que certamente perdurará no tempo, diz respeito ao aumento das assimetrias entre os mais pobres e os mais ricos. Esta desigualdade social não é novidade, mas foi sem dúvida ampliada ao longo deste último ano, resultando num fosso com uma dimensão porventura nunca antes vista na nossa história moderna.

Por outro lado, as subidas de taxas de juro verificadas nos últimos meses, tornaram os segmentos de dívida pública e de crédito investment grade mais atrativos.

Apesar de todos os apoios financeiros diretos e indiretos, os estratos sociais com rendimentos mais baixos foram geralmente os mais afetados por esta nova crise, resultado em grande medida do aumento do desemprego que afetou em especial a população menos qualificada.

Os relatos do aumento do número de pessoas que tiveram necessidade de recorrer aos bancos alimentares são disso um claro exemplo.

Por outro lado, as famílias com maiores rendimentos e, por consequência, maior capacidade de poupança e investimento, viram globalmente o seu património aumentar e, em variadíssimas situações, de forma significativa.

## Significará este panorama de aumento das desigualdades sociais uma inevitabilidade? De forma alguma!

Não será certamente uma tarefa fácil ou um problema de resolução rápida, mas tal como escrevia o poeta castelhano António Machado: *“O caminho faz-se caminhando”* (tradução livre). Tudo isto para dizer que mesmo para se criar uma imensa riqueza é necessário começar por um princípio. Ora a principal dificuldade do “caminho” reside precisamente neste princípio, resultado quase sempre do paradoxo entre o que se tem disponível para investir e o que se pretende alcançar.

Todos nós já vimos por inúmeras vezes aqueles que menos têm, fazerem investimentos altamente arriscados e, por isso, muito pouco sensatos e com uma previsibilidade quase inexistente. O objetivo é claro e até compreensível: obter o maior ganho no menor curto espaço de tempo. O problema desta forma de atuar é que se baseia numa estratégia do “tudo-ou-nada”, em que o potencial de retorno até pode ser

elevado, mas a probabilidade da ocorrência de um desfecho positivo é extremamente baixa. Na prática deixamos de falar de investidores para falarmos de jogadores, com a agravante que muitos deles o são sem o saberem. Pode efetivamente correr bem para os (muito poucos) sortudos, mas a grande maioria terá de se contentar apenas com o prazer de jogar e resignar-se com a perda, senão total, pelo menos parcial do seu “investimento”.

## Façamos um exercício teórico muito simples, mas de fácil compreensão para todos através da comparação com uma aposta semanal no Euromilhões.

Um investidor, agora com 40 anos, teve a possibilidade desde que nasceu de jogar no Euromilhões todas as semanas ou, em opção, investir no S&P 500 (o principal índice acionista norte-americano). Assumindo que apostou/investiu todas as semanas 2,50€, teria gastado ao longo das suas 2.087 semanas de vida 5.217,50€.

A estatística diz-nos que a probabilidade de apostar na chave vencedora do Euromilhões é de 1 para 139.838.160, o que significa que, mesmo partindo do pressuposto irrealista de não repetição da mesma chave vencedora, a probabilidade de ele acertar nos 5 números e 2 estrelas é atualmente de 0,0015%, o que, convenhamos, é um valor extremamente baixo.

Já se a sua opção tivesse sido a alternativa, ou seja, o investimento no S&P 500, então ele hoje teria um valor acumulado de 45.679,90€ e que resultava da acumulação do seu investimento semanal com o retorno desse mesmo investimento.

Claro que este é um exemplo extremamente simplista e com pressupostos algo irrealistas - seja porque o Euromilhões não existia há 40 anos, seja porque seria improvável alguém realizar um investimento semanal desde o momento em que nasceu, entre outros. No entanto, a lógica mantém-se válida para demonstrar a diferença entre um investidor e um apostador. É certo que ao investir 2,50€ por semana o investidor não estaria rico ao fim de 40 anos, mas também é certo que poderia ter investido e poupado o equivalente a 3 anos do salário médio em Portugal, e isso faria certamente a diferença para muitas famílias.

## Este é precisamente o tal “princípio” referido anteriormente. Um valor baixo, se investido bem no decorrer do tempo, poderá na verdade fazer uma grande diferença no futuro.

Basta para isso ser paciente e investir de forma inteligente, aproveitando o poder da acumulação (que inclui a poupança acrescida do rendimento ao longo do tempo).

De facto, este fenómeno de acumulação, que resulta sobretudo dos retornos acumulados de um bom investimento, pode ser ampliado por um reforço periódico desse investimento, podendo levar a ganhos muito significativos a longo prazo.

Infelizmente demasiados investidores procuram ganhos rápidos, sem se aperceberem que muitos desses potenciais ganhos acabam por não se concretizar. O que muitos ignoram e que é igualmente importante é o facto de, com essa opção, abdicarem de ganhos com maior previsibilidade e que, no futuro, poderiam trazer resultados superiores.

Naturalmente não quer isto dizer que toda a poupança e investimento deva ser canalizada para um só ativo, abdicando de outros investimentos, mesmo que ofereçam um risco superior. Por isso, é também importante referir a diversificação como regra fundamental para um investimento ponderado e bem-sucedido.

## Um outro fator-chave que muitos investidores negligenciam é o seu horizonte temporal de investimento.

A nossa natureza humana leva-nos a querer o máximo no menor curto espaço de tempo possível, no entanto, estes dois aspetos são muitas vezes incompatíveis.

Cada investidor é diferente, tendo expectativas e horizontes temporais diferentes, por isso é essencial que cada um perceba qual a sua tolerância de risco de forma a não ser forçado a desinvestir em momentos menos positivos, adequando assim previamente os seus investimentos às suas expectativas e riscos potenciais.

Por tudo isto percebe-se que a questão habitual sobre quais os melhores investimentos no momento atual acaba por ter bem menos importância do que à partida poderia parecer.

Um plano periódico de investimentos numa carteira diversificada e ajustada à tolerância de risco do investidor deve ser sempre o ponto de partida de qualquer investimento.

A sua capacidade financeira ou património acumulado, sendo naturalmente importante, deve ter um papel secundário com reduzida influência nas suas escolhas financeiras, e muito menos ser a razão para o investimento numa carteira menos ponderada.

Estratégias de investimento erráticas e de curto-prazo, por muito atrativas que possam parecer no papel, levam quase sempre a maus resultados na vida real, sendo por isso mais uma aposta do que um verdadeiro investimento.

A história mostra-nos que os melhores investimentos são tipicamente atingidos ao longo do tempo e não através de uma abordagem casuística. Neste contexto, o investimento nos mercados financeiros é particularmente complexo, revestindo-se de inúmeros fatores cuja análise é de grande dificuldade para a generalidade dos investidores particulares.

## É impossível falar em mercados financeiros sem abordar um dos principais veículos utilizados por muitos investidores, os fundos de investimento.

Trata-se de um investimento gerido por profissionais com dedicação diária, cujo objetivo é a obtenção do melhor retorno possível para o investidor (tendo em conta naturalmente as restrições e nível de risco previamente definidas em Prospeto). Os recursos e quantidade de informação a que os gestores têm acesso são dificilmente atingíveis por um investidor de forma isolada, possibilitando assim escolhas mais fundamentadas e que deverão a longo prazo traduzir-se num aumento significativo do binómio risco/retorno. Por isso, os fundos de investimento são uma escolha forçosa a considerar quando se pensa na rentabilização do património ou poupança para o futuro.

Rui Machado  
Direção de Investimento